

# 13 A FORMA DO CAOS NA NARRATIVA 'O IMPORTADO VERMELHO DE NOÉ', DE ANDRÉ SANT'ANNA

---

STEFENS, Adriana Inês Martos. Mestranda em Teoria e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, docente de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira dos cursos de Letras e Tradutor Intérprete da Universidade de Franca.

## RESUMO

Neste artigo analisamos o conto “O importado vermelho de Noé”, de André Sant’Anna, com o objetivo de perceber de que forma a estrutura materializa o conteúdo na narrativa moderna.

---

**Palavras-chave:** forma; conteúdo; conto moderno.

## ABSTRACT

In this article, we analyse “O importado vermelho de Noé”, an André Sant’Anna’s story with the purpose of noticing in what way its structure materializes the contents in the modern narrative.

---

**Key words:** form; content; modern short story.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo levantaremos algumas possibilidades de significação em relação ao conto “O importado velho de Noé”, de André Sant’Anna. No *corpus* analisado, o “eu-poemático” escuta no rádio que “está chovendo dinheiro em Nova Yorque<sup>1</sup>” e, a partir daí, passa a ter idéia fixa de chegar a Nova York com seu “carro vermelho, importado da Alemanha”.

Numa narrativa, aparentemente absurda, onde a lógica parece inexistir e os elementos como tempo, espaço e personagem desintegram-se: em que tempo passa esta narrativa, que abarca da Arca de Noé ao carro veloz importado? Qual é realmente o espaço que devemos privilegiar, o de São Paulo, onde a personagem encontra-se, ou o de Nova York, que ele deseja e ao qual a história remete? Quem é e como é essa personagem? Todas estas perguntas ficam sem respostas diante do conto analisado. De acordo com Ricardo Piglia, no conto contemporâneo a presença de monólogos, a redução da ação e o tempo interior desconstroem a estrutura clássica de narrativa

É inegável que estamos diante de uma nova narrativa e compreendê-la é, primeiramente, voltar-se para ela: o significado é lido nas entranhas da sua forma. Sua estrutura materializa a idéia desenvolvida: forma e conteúdo misturam-se. Ora, dissemos que estamos diante de um novo tipo de narrativa, mas, se pensarmos bem sobre o objeto de estudo literário, essa forma de narrar continua a reforçar a autonomia da literatura:

Entendo por literatura não um corpo ou uma seqüência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela viso, portanto, essencialmente que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo de palavras que ele exerce sobre a língua. (BARTHES, 2004, p.17).

---

1 Forma utilizada pelo autor para grafar Nova York.

Portanto, fazer análise literária é pensar sobre o “como” é construído o texto e, a exemplo dos contos contemporâneos, quase impossível compreender senão for pela apreensão de sua estrutura: a compreensão está no interior do próprio texto, o que, na verdade, coincide com as considerações tecidas pelos teóricos sobre a definição de literatura:

Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma “violência organizada” contra a fala comum (TERRY, 1963, p.2).

A análise aqui feita privilegiará o processo de construção da narrativa, com o objetivo de compreender de que forma a estrutura materializa o conteúdo narrado. Precisamos ressaltar que a narrativa do século XX deve ser analisada não só enquanto texto, mas também enquanto prática comprometida em estabelecer um diálogo entre história e cultura. Entretanto, o propósito do estudioso de literatura não é perceber como os elementos externos influenciam o texto, mas de que forma o texto literário consegue materializar os elementos extrínsecos.

## O PARADOXO DA MODERNIDADE

Para compreendermos o conto “O importado vermelho de Noé”, a partir da perspectiva à qual nos propusemos, ou seja, perceber de que forma o texto materializa o cotidiano moderno, precisamos esclarecer sobre alguns aspectos do contexto moderno:

Existe um tipo de experiência vital-experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo, hoje. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça ao mesmo tempo destruir tudo o que sabemos, tudo o que somos.

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia (BERMAN, 1987, p.15).

É neste ambiente promissor, e ao mesmo tempo angustiante e aterrorizante, que vive o homem moderno, o qual perde sua autenticidade e identidade. Por exemplo, não sabemos o nome da personagem do conto analisado; sabemos o que ela tem, mas não quem é. O ter e o ser consistem em uma das dicotomias que marcam esse período, e, por ser paradoxal, a modernidade é conflituosa:

Já em *Dialética do Esclarecimento* (1970), os filósofos marxistas Theodor Adorno e Max Horkheimer constataam a existência de mecanismos paradoxais constitutivos de razão que tornavam a humanidade inviável a longo prazo: ao tentar dominar o terror, a razão sucumbe ao terror; ao tentar dominar as forças da natureza, ela é esmagada pelas forças da natureza; ao tentar formar a identidade, é dissolvida pela identidade; ao tentar superar o mito, é subjugada pelo mito. (GUINSBURG, 2005, p.29).

Nosso objetivo é analisar de que forma a literatura representa este caos moderno, pois partimos da hipótese de que conteúdo relacionasse, intrinsecamente, com a forma: uma forma caótica para representar um mundo desestruturado. O teórico Aguiar e Silva (1969, p.21) levanta algumas considerações em relação ao romance moderno:

O romance afasta-se cada vez mais do tradicional modelo balzaquiano, transforma-se num enigma que não raro cansa o leitor, num romance aberto de perspectivas e limites incertos, com personagens estranhos e anormais.

Sendo assim, a literatura rompe com os moldes tradicionais, provocando estranhamento e dificuldades ao leitor, pois a narrativa incorporará na sua forma as negativas, o caos, o absurdo e as contradições do mundo moderno.

A apreensão da realidade far-se-á de forma diferente, eis um ponto que merece atenção: a forma que esta realidade, moderna ou pós-moderna, é representada. No conto analisado tentamos mostrar de que forma a linguagem e a estrutura materializam o conteúdo e partimos da hipótese de que a aparente falta de lógica e conexão entre as partes é, na verdade, a lógica da narrativa.

## A FORMA DE CAOS PARA UM CONTEÚDO CAÓTICO

O enredo do conto analisado é bastante insólito: o narrador protagonista<sup>2</sup> quer chegar a Nova York, após ouvir no rádio que chove dinheiro por lá, mas fica preso no trânsito da Marginal Tietê, dentro do seu carro importado da Alemanha, sob uma chuva que cai na cidade naquele momento. A narrativa é estruturada em um único parágrafo e o conteúdo é organizado segundo o fluxo de consciência da personagem:

Está chovendo dinheiro em Nova Yorque. Deu no rádio. Deu na CBN. E, com meu carro vermelho, importado da Alemanha, logo estarei no aeroporto e voarei para Nova York pela American Airlines. O meu carro vermelho, importado da Alemanha é veloz. Eu tenho poder de compra e por isso comprei o meu carro vermelho, importado da Alemanha. (SANT'ANNA, 2001, p. 596)<sup>3</sup>.

Neste trecho pequeno, que inicia a narrativa, podemos perceber o excesso de informações, pois ele nos informa, na seqüência, que: está chovendo dinheiro em Nova York; ele ouviu no rádio que está chovendo dinheiro em Nova York; deu na CBN que está chovendo dinheiro em Nova York; ele tem um carro vermelho; o carro é importado da Alemanha; ele vai voar para Nova York pela American Airlines; o seu carro vermelho importado da Alemanha é veloz; ele tem poder de compra; comprou o carro vermelho importado da

2 Utilizaremos as terminologias personagem ou protagonista para designar o narrador em primeira pessoa.

3 SANT'ANNA, André. O importado vermelho de Noé. In: MORIGONI, Ítalo (Org.). *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2001. Todas as citações, quando não devidamente indicadas, foram extraídas desta edição e vêm acompanhadas somente com a indicação de página.

Alemanha porque tem poder de compra. O excesso de informações, que chega a deixar o leitor atordoado, representa a realidade da “era da informação globalizada” na qual se sabe o que acontece no mundo, em tempo real. O narrador está em São Paulo, mas já sabe da chuva de dinheiro em Nova York, mas, ao mesmo tempo, denota a superficialidade e a instantaneidade destas informações, bem como a alienação do sujeito diante delas: a personagem repete o que ouviu.

Eu tenho empresas e sou digno do visto de ir para Nova Yorque. Pessoas que tenham um visto do consulado americano. O dinheiro que chove em Nova Yorque é também para os novaiorquinos. São milhares de dólares. Ergui empresas, venci obstáculos, ultrapassei limites, atingi as metas e agora vou para Nova Yorque, onde está chovendo dinheiro. Possuo as qualificações necessárias, os dotes exigidos, e sou livre para ir para Nova Yorque. As negociações estão encerradas. Meu cérebro de administrador é perspicaz e tem o veredicto final (...). O meu cérebro de administrador sabe que providência tomar. Procurei desenvolvimento em cada instante de minha vida. Sei exatamente onde quero chegar (p. 596).

A personagem é egocêntrica e cultua aquilo que tem, num processo de autopromoção, como se tivesse incorporado o discurso publicitário, mas o produto, nesse caso, é ele. Percebemos que o narrador é atormentado pela pressão das metas, formação contínua, qualificação constante para não perder o emprego e pela necessidade de ter que pensar como administrador, ele diz que tomará providências em relação ao congestionamento e enchente na Marginal Tietê:

Mandarei um e-mail para o Paulo que é um grande administrador que também vai para Nova Yorque. É preciso substituir o prefeito que é preto. (...) Eu também votei no prefeito preto, mas foi a pedido de Paulo. Nunca vou me esquecer o que Paulo fez pelas empresas. Paulo é meu amigo. Paulo é um grande administrador, como eu e os novaiorquinos (p. 598).

Provavelmente ele se refere a Paulo Maluf, ex-prefeito da cidade paulista. O narrador diz que Paulo é um grande administrador, como ele, portanto ele é um homem de ação, que vence obstácu-

los e faz acontecer, isso remete, de forma implícita, ao slogan “Foi Maluf que fez”, criado por Duda Mendonça, considerado um gênio da propaganda eleitoral. O “prefeito preto”, mencionado no texto, é Celso Pitta, que teve o apoio de Maluf ao concorrer à Prefeitura de São Paulo. Interessante percebermos de que forma as repetições impensadas do narrador representam sua alienação, ele repete o que ouve, “está chovendo dinheiro em Nova York”; “Paulo é um grande administrador” e faz o que mandam, pois votou no “prefeito preto” porque Paulo mandou. Neste sentido, o narrador personagem representa a alienação do homem moderno.

O termo importado pode referir-se tanto à questão da importação de produtos estrangeiros como à depreciação do produto nacional. A personagem do conto reclama, “e os carros nacionais impedem a passagem veloz do meu carro vermelho, importado da Alemanha”. Num outro momento, ele comenta:

Aqui onde o rio Tietê recebe a chuva de água normal, sem um dólar sequer no meio, que se mistura ao esgoto horroroso constituído pelo excremento dos pretos desta cidade e pelo subproduto indesejável da insignificante indústria nacional. (p. 596).

Nestes trechos, percebemos a predileção pelo produto estrangeiro e a questão da ideologia de que Nova York, ou qualquer outro lugar do “primeiro mundo”, seja melhor do que o Brasil. Enquanto na cidade norte-americana chove dinheiro, em São Paulo, chove água, a qual inunda a marginal.

A presença de “Noé” no título faz alusão ao personagem bíblico que, ao ser avisado por Deus sobre um dilúvio que findaria a humanidade, constrói uma arca que salvará as espécies, possibilitando que elas não sejam extintas. No conto analisado levantamos algumas possibilidades que buscam a relação dos elementos que constituem essa analogia. Noé escuta a profecia pela voz de Deus e acredita nela, submete-se a essa verdade, a personagem do conto escuta no rádio a notícia que está chovendo dinheiro em Nova York, e basta isso, para que ele queira, obsessivamente, ir para lá. A voz de Deus está

para Noé assim como a voz dos meios de comunicação está para o homem contemporâneo, nos dois casos são verdades inquestionáveis. Ao construir a barca, Noé acaba por salvar a humanidade e, analogamente, com seu carro vermelho importado, a personagem quer chegar a Nova York, onde pensa estarem as soluções para sua vida. Percebemos o paradoxo representado entre o coletivo e o individual, evocados, respectivamente, pela personagem bíblica e pela individualidade do narrador do conto analisado. O fato de chover no Tietê e em Nova York lembra o dilúvio, mas em Nova York chove dinheiro. Este carro importado da Alemanha é um meio para chegar a Nova York e salvar-se, assim como fez Noé.

O vermelho pode referir-se, num primeiro momento, à ideologia importada que seduz, tanto na cultura como na economia. A cor simbolizaria idéias tão mistificadoras quanto a crença no Papai Noel, que usa roupa vermelha e que distribui presentes no Natal.

A repetição “está chovendo dinheiro em Nova Yorqure” ocorre inúmeras vezes ao longo do texto e a crença da personagem neste absurdo denota a sua alienação. Ela fica obcecado pela idéia de enriquecer-se e passa a não perceber a fragilidade dos argumentos apresentados pelos meios de comunicação, ele reproduz, incessantemente, sem refletir, um discurso que apenas ouviu.

A vida e o desejo da personagem parecem girar em torno dos dólares e da indústria “cultural” americana. Ao mencionar American Airlines, Julia Roberts, Cindy Crawford e Nicole Kidman, dentre outras personalidades e produtos que remetem ao Estados Unidos, a personagem mostra-se vítima da ideologia imperialista.

A personagem parece não refletir sobre aquilo que ouve:

Estou ouvindo com meus infalíveis ouvidos de grande administrador. Está dando no rádio. Uma mensagem Cindy Crawford e Michel Douglas estarão a minha espera. A reunião decisiva para eliminar os protozoários maléficos que produzem fichinhas falsas e o prefeito preto do povo preto que produz excrementos aqui,



nesta via nacional intransitável que submerge nas águas pretas da insolúvel indústria nacional, nas margens do Rio Tietê. A paciência é uma virtude dos grandes administradores belos que se fundem aos corpos das internacionais mulheres lindas de Nova Yorque, onde chove dinheiro. Oh, Deus. Está tão frio. A água normal e preta está subindo, subindo. (p.602).

O narrador personagem termina o conto achando que ele é o prefeito e tentando manter contato com Deus:

Eu sou o prefeito. Deu no rádio. Eu vou ser o prefeito de Nova Yorque (...) Está chovendo dinheiro em Nova Yorque e eu sou o prefeito. Contato. Contato. Há falhas no sistema administrativo nacional. Devo partir imediatamente. Há excrementos pretos flutuando ao redor do meu pescoço. Há água fria. Contato. Deus, contato. (p.602).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto analisado é construído a partir de uma narrativa fragmentada, a realidade é apresentada através de nuances, num texto em que a coerência não provém dos elementos coesivos, a ligação entre um fato e outro é construída a partir do sentido que está imanente e deve ser lido pelos procedimentos estruturais do texto. O que o leitor sabe é que esta personagem está num carro vermelho em meio a um congestionamento na Marginal Tietê e num discurso, aparentemente, desconexo, quer chegar a Nova York, onde está chovendo dinheiro. O narrador profere um discurso fragmentado, automatizado.

Essa forma discursiva da narrativa materializa a realidade e o conhecimento apreendidos na contemporaneidade, através de quadros estanques. As frases curtas do conto com informações que muitas vezes parecem não se relacionar entre si são parecidas com as notícias apresentadas pelos meios de comunicação. Suas idéias são expostas como “chamadas” de noticiários. Cada ponto final marca uma notícia que perpassa de temas relacionados a política, cotidiano, beleza e até meteorologia. A personagem vive na era da informação, mas há tanta

informação que ele acaba surtando e querendo entrar em contato com Deus, através de uma linguagem técnica.

O narrador-protagonista enlouquece em virtude do excesso de informações fragmentadas e escassez de reflexão: ele é manipulado a todo momento pelos meios de comunicação e aliena-se do direito do ser, perdendo sua subjetividade.

Portanto, a narrativa é estruturada para dar forma ao caos. O conto representa, em sua própria estrutura, o caos e o absurdo da vida moderna.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Aula*. Tradução de Leila Perrone-Moisés. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar* – aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Loriati. São Paulo: Cia da Letras, 1987.

GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. *O pós-modernismo*. Tradução de Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIGLIA, R. Teses sobre o conto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 de dezembro de 2001. Caderno Mais, p. 24

SANT'ANNA, A. O importado vermelho de Noé. In: MORIGONI, Ítalo (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2001

SILVA, V. M. A. e. *Teoria da literatura*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1969.

TERRY, E. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. Tradução de Waltsensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.